



Uma 'soirée' no salão de Piotr Anderszewski

CRÍTICA Pianista polaco apresentou-se no passado sábado no Pequeno Auditório do CCB em recital integrado no Lisbon&Estoril Film Festival

Apesar de ter desde 2007 Lisboa por residência-base, nem por isso o pianista polaco(-húngaro) Piotr Anderszewski é presença assídua nos palcos da capital. A atuação mais recente deu-se a 7 e 8 de fevereiro e fora uma dupla estreia: dele próprio, na Gulbenkian; e da obra que tocou – a *Sinfonia n.º 4 (Sinfonia Concertante)*, de Szymanowski nas temporadas da Fundação.

Na noite de sábado, de novo se apresentou em Lisboa, em concerto integrado no Lisbon & Estoril Film Festival (Anderszewski já se associara à edição 2010 do certame, tendo, então, tocado a 12 de novembro, no Estoril). Aparição, agora na edição 2013, “à boleia” da projeção do filme-documentário *Le Voyageur Intranquille*, de Bruno Monsiegeon, ocorrida no domingo (ver edição de dia 15).

O concerto constou de interpretações a solo de Piotr: a *Suite Francesa n.º 5, em sol M, BWV 816*, de J. S. Bach e a *Fantasia em dó M, op. 17*, de Schumann; de duos: ele e a irmã, Dorota, tocando a *Sonata para violino e piano n.º 2, em ré m, op. 121*, também de Schumann; e de obras para ensemble, tocando as *Cinco Canções, op. 46b (1921)*, de Szymanowski (ver texto abaixo).

Anderszewski venceu a informalidade do serão através da indumentária com que se apresentou e... da ausência de sapatos!

A *Suite* de Bach contou da sua parte com uma interpretação muito justa no que a fraseio, caráter e *tempi* diz respeito, mas confiou em demasia aos pés (pedal *una corda*) efeitos que deveria obter com a articulação digital. Na *Sonata*, Dorota denotou insuficientes argumentos, quer na constância e do seu som, quer na capacidade de “envolvimento” com a obra. Face ao que Piotr se “limitou” ele próprio no piano, donde resultou uma leitura discreta desta obra.

A *Fantasia* de Schumann mereceu de Piotr uma leitura... polémica. Porque enfermando de opções tão inusitadas, tão pessoais, que se “arriscaram” ao simples preciosismo. Exemplos: o uso extremado de meios agógicos (I and.); a contenção sonora de princípio do II and.; o pretendido (?) aligeirar de atmosfera, ocasionalmente desmentido/ auto-“desmontado” (3.º and.).

O Szymanowski reuniu vários alunos da ESML, junto com Dorota A., Alexandre Delgado, o próprio Bruno Monsiegeon e Piotr, claro. A ausência da cantora prevista significou a linha vocal feita pelo violino I, o de Dorota (o que não é nenhuma *première* mundial, como foi anunciado!). Diego Masson dirigiu. Esparsos lampejos – e só! – do subtil requinte sonoro do autor.

BERNARDO MARIANO



Anderszewski tocou obras de J. S. Bach, Schumann e Szymanowski

À MARGEM

Informalidade não quer dizer ‘à toa’

Organização 100% do LEFFEST, este recital deixou patentes carências várias. Na divulgação: o Auditório nem encheu e metade da assistência eram convidados do festival, dando ao evento um caráter quase privado. Na informação: o programa não fôra integralmente avançado e, na sala, ha -via uma (uma!) folha A4

com o nome das obras escrito à mão! Além disso, houve alterações de última hora, “anunciadas” (com aspas, pois foi quase inaudível) por Paulo Branco. Na preparação: o *ensemble* reunido para o Szymanowski (a cantora prevista afinal não veio...) pareceu “tresmalhado”, claramente subensaiado e visivelmente *ad-hoc*. B.M.